

RESUMO/ ABSTRACT

ITINERÁRIOS DA MEMÓRIA NA ESCRITA DA LITERATURA ANGOLANA CONTEMPORÂNEA

A partir de um contexto histórico-social da Angola pós-independência, o texto busca traçar as linhas de força da prosa angolana contemporânea, enfatizando as produções em que a memória desempenha papel determinante.

Palavras-chave: prosa angolana contemporânea; memória; resistência; identidade.

ITINERARIES OF MEMORY IN THE WRITING OF ANGOLAN CONTEMPORARY LITERATURE

From a historical and social context of Angola after-independence, the text searches to trace the lines of force of the Angolan contemporary prose, emphasizing the productions in which the memory plays determinative role.

Keywords: Angolan contemporary prose; memory; resistance; identity.

ITINERÁRIOS DA MEMÓRIA NA ESCRITA DA LITERATURA ANGOLANA CONTEMPORÂNEA

Tania Macêdo

Professora Doutora de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa
Universidade de São Paulo-USP, São Paulo-SP
taniamacedo@usp.br

O indizível não está escondido na escrita, é aquilo que muito antes a desencadeou.
Georges Perec

O içar da bandeira angolana, em Luanda, a 11 de novembro de 1975, assinala não apenas a independência do território e a formação de um jovem país, mas, principalmente, se institui como divisor de águas para Angola, pois, na medida em que surgia a nação, simultaneamente, se concretizava um projeto político que conduzira, por quatorze anos, as ações e os textos de parte considerável da juventude angolana. Sob o rajar de balas e obuses, nascia Angola, gestando novas perspectivas e sonhos impulsionadores da construção de estruturas propícias ao desenvolvimento de um país livre e sujeito de sua própria história.

No campo intelectual, a independência estimulou não só um movimento de veiculação de produtos culturais que haviam circulado, no exterior ou clandestinamente, durante a longa luta de libertação, mas também a criação de instituições incentivadoras de uma produção cultural capaz de fortalecer e exaltar o sentimento nacional e a memória da resistência. Dessa forma, os dirigentes buscaram articular um percurso de retorno ao passado, de modo a propiciar a reescrita da própria história (dando ênfase aos seus heróis), ao mesmo tempo em que, com vistas a projetos de futuro, procuraram orientar, no campo da cultura, os primeiros momentos da jovem nação. Foi, por conseguinte, sob a égide de construção do futuro, sem descurar do outrora, que se estabeleceram as principais instituições culturais de Angola, ainda em 1975.

Os primeiros anos do pós-independência marcaram, assim, um tempo de utopia e de euforia na construção do “homem novo” e da nação, com intensa atividade cultural: debates, polêmicas, publicações. Esses anos, contudo, foram também os do início de uma guerra fratricida que envolveu interesses internacionais econômicos e diversas questões geopolíticas; foi o tempo do *apartheid* na África do Sul, país que invadiu Angola e exigiu desta um grande esforço para defender sua independência e a opção socialista que abraçara em 1975. Com a ampliação da guerra civil, a vida nas aldeias e cidades angolanas tornou-se penosa, tendo havido uma notória desarticulação da produção e um decorrente desabastecimento; o transporte terrestre ficou, cada vez mais, precário e limitado, em razão, também, das minas que se foram espalhando por todo o território nacional. Nesse quadro bastante difícil, os sacrifícios se acumularam e diversos intelectuais foram chamados a participar efetivamente da vida nacional, tanto no exercício de cargos públicos, como através de suas obras literárias.

O longo conflito armado que destruiu muitas das infraestruturas de Angola, provocando o abandono do campo e o inchaço das cidades, teve também um impacto nas instituições culturais. No caso específico da literatura, a falta de um setor gráfico organizado, por exemplo, encareceu muito a publicação dos livros e, em decorrência, houve um decréscimo do número de títulos editados.

Mas, finalmente, em 2002, em Luenda, é assinado um cessar fogo definitivo entre o Movimento Popular de Angola-MPLA e a União Nacional para a Independência Total de Angola-a UNITA. Finalmente, depois de mais de trinta anos de conflito armado no país, o povo angolano pôde sentir os ventos da paz. Dada a proximidade dos acontecimentos, cremos não ser ainda possível discernir precisamente a resposta da produção letrada a eles, já que se prenunciam grandes mudanças, como aponta Ruy Duarte, lucidamente, na Abertura de seu *Actas da Maianga*: “Por isso agora, consumada coisa, pensei então, virar ou não de página na vida de todos nós, no foro de cada ruminação pessoal – cada um de si para si, accionado pelo impacto –, há-de ser o choque: que algo mudou, está para mudar, dá para sentir, com força e desde já” (DUARTE, 2003, p. 16).

Algo mudou. Pesam ainda, no entanto, os longos anos de guerra que causaram uma exaustão do país e sua gente, trazendo consigo uma cultura da perda que, sem dúvida esgarçou o tecido social e ensejou numerosos descaminhos na utopia que moveu os angolanos nas trilhas da independência. Durante o largo período em que durou o conflito, as mudanças foram sentidas dramaticamente em Angola, que passou, por exemplo, de uma proposta inicial de economia planejada para o livre mercado, o que acarretou o não esgotamento de algumas etapas, mas sim a sua substituição e, algumas vezes, a sua superposição. A juventude do país, por sua vez, apenas viveu a guerra e, dessa forma, seus horizontes acabaram por se confundir com o consumo imediato, já que o futuro se apresentava incerto e, nesse movimento, o passado foi obliterado e os projetos que construíram o país foram esquecidos.

Nesse cenário, a literatura angolana mais uma vez acabou por desempenhar um papel importante¹, na medida em que o senso de missão que a orienta desde a sua formação mais uma vez se fez presente. Destarte, uma série de textos produzidos após o ano de 1992 (data que marca a realização de eleições gerais e o recrudescimento da guerra no país) busca construir pontes com o passado e reatar elos com os tempos heróicos do surgimento da nação, redundando nesse movimento uma produção literária “memorialística”² publicada pela chamada “geração da utopia” (para usar o título do livro de Pepetela e que marca os homens e mulheres construtores, sob a música das armas, da Angola independente).

Assim a memória ocupa o centro da cena literária contemporânea, buscando resgatar a história, em um esforço de reconstruir um passado a partir de quadros sociais do presente e, sob esse particular, de iluminar uma memória coletiva (Halbwachs). Como veremos brevemente, há um número expressivo de textos os quais, sob o sinete da memória, ao mesmo tempo em que promovem uma recuperação do passado, projetam um futuro, na medida em que as vivências apresentadas nas narrativas apontam para a construção de uma identidade angolana estilizada pela guerra civil e pelo fim das certezas, mas ainda pulsante e capaz de apresentar novos rumos, constituindo-se, sob esse aspecto, em uma espécie de cartografia do devir construída a partir da imaginação e da busca de identidade.

As várias memórias dos anos de pólvora

Dentre os vários textos que se apresentam sob a perspectiva de uma memória construtora do futuro, vale destacar, primeiramente, o livro de Costa Andrade, intitulado *Adobes de memória*³, em dois volumes (nomeados, respectivamente, “Tukayana” e “Chegadas”), que trazem aos leitores acontecimentos sobre a vida no maquis, no exílio e na atualidade focalizados com um estilo elegante e no qual a memória, individual, não raro cede lugar ao coletivo, desenhando-se no seu percurso por caminhos de exílio e luta, o encontro com a História da nação angolana. Nesse sentido, trajetória

¹ Lembramos aqui o papel que os poetas e os textos literários exerceram durante a luta de libertação nacional.

² Sob esse rótulo abrigam-se textos em que a dominante é a narrativa com forte pendor biográfico, por vezes confessional, que se concretiza em diários, relatos autobiográficos e narrativas.

³ Vale recordar que o autor, em *Terra gretada*, volume de poesia publicado em 2000, já apresenta os elementos que compo-riam o livro de memórias de 2003:

Não existe mais/A casa onde nasci/Nem meu Pai/Nem a mulemba/Da primeira sombra//Não existe o pátio/O forno a lenha/
Nem os vasos/E a casota do Leão//Nada existe/Nem sequer ruínas/Entulho de adobes/E telhas calcinadas//Alguém varreu
a fogo/A minha infância/E na fogueira/Arderam todos os ancestrros.

Como se pode verificar, o “entulho de adobes” do poema transformar-se-á na construção elaborada a partir da rememoração, na casa que é re-construída a partir do lembrar, dando uma nova significação ao título *Adobes de memória*.

individual e história do país se confundem de maneira que Mnmosine e Clio⁴ se encontram, fazendo das recordações do escritor as do cidadão que lutou e sofreu, ao lado de numerosos companheiros, para dar vida ao sonho de liberdade de sua terra. Assim, as recordações de Costa Andrade constituem matéria imprescindível para os que pretendem conhecer a moderna história angolana, pois o cotidiano da guerrilha, o exílio dos quadros angolanos, os acordos, discussões e a guerra que antecederam a proclamação da independência do país a 11 de novembro de 1975 compõem-se aos olhos do leitor a partir de flashes que flagram conversas, atos heróicos e mesquinhos, desenhando a história, sobretudo no primeiro volume de *Adobes de memória*. É nele que encontramos, por exemplo, as páginas de linguagem tensa que narram os combates que antecederam a proclamação da independência e das quais destacamos um pequeno trecho:

A UNITA que procurava criar, com algum sucesso, a imagem pacifista e de força neutral que tanto iludia e agradava aos colonos e a largas faixas da população, apoiada num discurso bilíngüe que em português dizia paz e harmonia e em umbundu matar e esfolar quantos não fossem militantes seus, acreditou chegado o momento para passar à ofensiva, aproveitando a derrota da FNLA e o desgaste do MPLA.

As prisões e os massacres aconteciam a cada hora, em cada bairro.

A cidade foi tomada em menos de três dias.

Joaquim Kapangu, Albano Machado e Antonio Assis eram torturados diariamente, acusados de traição à causa dos umbundus e de Savimbi, o redentor (ANDRADE, 2002, v. I, p. 68).

O excerto acima, que descreve a batalha pela posse da cidade de Huambo em 1975, demonstra o perfeito domínio de linguagem de Costa Andrade. Veja-se como o primeiro parágrafo, com frases mais longas, tem um caráter analítico, descrevendo os contendores (UNITA, FNLA e MPLA) e sua situação naquele momento para, em seguida, em um movimento muito próximo do *zoom* cinematográfico, aproximar-se da cidade, depois dos bairros e, em seguida, dos homens torturados. Esse movimento – do geral para o particular (ou do plano geral para o *close*, se preferirmos os termos do cinema) – é construído por períodos mais longos que se vão adelgaçando, com ritmo nervoso e tenso, como a acompanhar a violência que se torna maior a cada momento. Assim, se o conteúdo de que nos fala o texto é dramático, a linguagem empregada, com mestria, dá um sentido trágico ao acontecimento.

⁴ Conforme Seligman-Silva, “se podemos distinguir, em termos tipológicos, a memória da história, reservando à primeira um relacionamento ‘quente’ e ‘interessado’ com o passado, e à segunda um relacionamento ‘frio’ e (supostamente) ‘desinteressado’ com ele, o que assistimos agora é à aproximação lenta e complexa destes dois registros” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 30).

E se fizemos questão de dar relevo a essa questão, é porque a elegância da linguagem em *Adobes de memória* é flagrante, de tal maneira que a própria palavra passa a ser quase uma outra personagem de todo o texto. E, sob esse aspecto, o livro de Costa Andrade acaba por nos falar também de seu estilo e da sua trajetória artística.

O segundo volume de *Adobes de memória* sem dúvida interessa bastante à literatura, na medida em que tomamos conhecimento da gênese do poeta (seus poemas de amor, o primeiro deles, uma quadra, transcrito na página inicial do volume II) e da luta por uma expressão própria, além dos pseudônimos utilizados pelo autor ao longo de sua carreira (bem como a vida e a morte do heterônimo Wayovoka André), ou a transcrição de textos que foram censurados à época da publicação e agora o leitor tem a rara oportunidade de conhecer na íntegra.

Contudo, se há a presença marcante de um “eu” individual, delimitado, com sua história de vida, verifica-se também que a coletividade atravessa o tecido memorialista, pontilhando-o de reflexões e marcas em que sobressai o nascimento da nação angolana. É dessa maneira que podemos ressaltar a referência a autores e obras da moderna literatura do país, ou fatos como o da proclamação da União dos Escritores Angolanos, que resgata a História e as estórias:

Com o Luandino, o Arnaldo que encarregamos e cumpriu escrevendo o texto da Proclamação, o Manuel Rui, aos quais se nos juntou o Pepe, já na ponta final esboçamos finalmente e fundamos, com Antonio Jacinto, Agostinho Neto, a União dos Escritores Angolanos. O Carlos Ervedosa decidiu enfim partir para Portugal (...)

Organizamos inicialmente a cerimônia da Proclamação da União dos Escritores para o dia da Independência! O Manuel Rui apareceu e disse que não podia ser. Quem estaria presente nesse dia? Estaríamos espalhados por toda a cidade, sabe-se lá, se com armas nas mãos? Vivos ou mortos? Perguntei-me. (...) Decidimos assim adiar e organizar a cerimônia para o 10 de Dezembro. Lembro-me ter sugerido que convidássemos o Rui Mingas para cantar poemas de escritores angolanos musicados por ele. Nós outros declararíamos outros poemas. Na verdade líamos, porque só o Manuel Rui declamava.

(...)

Enfim, voltando ao 10 de Dezembro, em 75, ainda Restauração, o Luandino ficou encarregado de ler a Proclamação. Decidimos uns dias antes, que seria considerados fundadores, todos aqueles que a subscrevessem até 31 de janeiro de 1976 (ANDRADE, 2002, v. II, p. 205).

Como se verifica, são momentos de efervescência ideológica e intelectual, da concretização de projetos e construção do futuro que o texto desenha, tornando o leitor uma testemunha do nasci-

mento da nação angolana e da consolidação de uma literatura a partir da luta e da vida de homens e mulheres que se engajaram na concretização do sonho.

Na mesma senda de recuperação da memória e da história, mas com um tom algo diverso, temos *Um testemunho para a história de Angola: do Huambo ao Huambo*, de autoria de Sócrates Dáskalos (2000), o qual, com um trabalho artístico menos acurado que o de Costa Andrade, também revisita o passado, refletindo sobre a Casa dos Estudantes do Império, a FUA, a luta de libertação, chegando ao ano de 1992, que aborda brevemente, constituindo retrato interessante de pessoas e momentos importantes da história de Angola e da vida de Luanda e Benguela ao longo de seus onze capítulos. O caráter de luta contra o esquecimento que o livro estabelece fica bastante explícito nas palavras iniciais do prefácio de Manuel Rui:

O que mais me fascina por amor e triste tristeza feliz é o Sócrates colocar nestas memórias aquilo que alguns pretendem que se olvide, se apague pelo falso ou imposto esquecimento, ou ainda, se transforme, de lágrima que o tempo ainda não secou, num aparente, contemplativo e negociado sorriso (RUI. In: DÁSKALOS, 2000, p. 29).

Interessante é notar que, seguindo cronologicamente os acontecimentos da história angolana, especial destaque é dado ao pormenor e às pessoas, desenhando perfis importantes de personalidades da história contemporânea do país, como se pode ver a partir do retrato de um nacionalista em que avultam as cores da violência do discurso do colonizador:

O cônego Manuel da Neves foi um dos raros mestiços que professaram a religião católica e era conhecido pelos que lhe era mais próximos como um cauteloso aderente da causa da libertação dos angolanos do jugo colonial. Dada a sua grande influência na sociedade luandense, a polícia política resolveu afastá-lo e para tanto pôs a circular boatos que punham em causa a sua reputação e estima, acusando-o de ter “escondido catanas atrás do altar e de ter envenenado as hóstias para liquidar brancos da alta hierarquia governamental” durante o ofício divino. Foi deportado para Portugal e com residência fixa num mosteiro próximo de Braga, onde veio a morrer já depois da independência (DASKALOS, 2000, p. 174).

Não se ausentam do relato de Daskalos os inimigos e adversários e, sob esse particular, poderíamos aqui pensar com Ansart a respeito das “reticências das memórias a reconstituir os ressentimentos”

(2001, p. 15-36)⁵, fazendo com que a história, a partir da memória, adentre a região da subjetividade e os terrenos do silêncio que somente o futuro poderá fazer audíveis.

De Inácio Rebelo de Andrade, *Saudades do Huambo* (Para uma evocação do poeta Ernesto Lara Filho e da “Coleção Bailundo”) (1999), como o nome mesmo aponta, traz ao leitor momentos importantes da trajetória existencial e artística de Ernesto Lara Filho, bem como da vida no sul de Angola nos anos 1950 a 1970: os estudantes, as festas e a resistência dos nacionalistas. Com uma edição cuidada, o texto apresenta *fac-símiles* de textos de Lara Filho, bem como uma pequena antologia e pelo menos um poema inédito do escritor falecido em 1977, constituindo-se, assim como o livro de Costa Andrade, em um capítulo interessante da história da literatura angolana contemporânea a partir da focalização de um poeta rebelde que marcou definitivamente a literatura de seu país.

No terreno da ficção urdida a partir dos fios da memória e da história, alguns textos merecem destaque. O livro de Antonio Gonçalves, intitulado *Cenas que o musseque conhece*, primeira obra em prosa do autor, é uma narrativa de ficção baseada em fatos reais dos quais o escritor teria participado e se constituiria em “uma novela épica de Angola sobre os últimos anos da década de 60, quando o país permanecia sob ocupação portuguesa” (GONÇALVES, 2002). De forma geral o relato não foge muito aos temas e personagens que a prosa angolana apresentou ao longo dos últimos trinta anos, ou seja, heróis positivos e o musseque como espaço privilegiado das narrativas.

Meu nome é Moisés Mulambo, de Jofre Rocha, constitui um texto interessante, na medida em que fica entre o conto e a literatura de testemunho, já que na introdução o autor afirma:

Tudo o que aqui fica contado, foi ouvido da boca de Moisés Antonio da Silva, mais conhecido por Moisés Mulambo, num dia qualquer do ano não muito distante de mil novecentos e oitenta. Assim, os fatos e dados menos precisos ou que venham eventualmente a conter inexatidões, não são necessariamente da responsabilidade de quem se limitou a ouvir e registrar para a posteridade, aquilo que o próprio cidadão quis de bom grado relatar. Tanto quanto possível, o escriba fez questão de respeitar a sucessão dos acontecimentos, suas datas, os nomes das localidades e das personagens (ROCHA, 2003, p. 11).

Aparentemente, estamos diante da transcrição da fala de um nacionalista que o autor se dispôs a passar para o papel. O estilo, a seleção dos acontecimentos e a construção de personagens, todavia,

⁵ O artigo de Seixas (2001, p. 108) discute a relação História e Memória, tecendo interessantes considerações sobre o trabalho de Pierre Ansard.

permitem verificar que o texto de Jofre Rocha se erige na fronteira de gêneros, aproximando-se do que se tem denominado uma literatura de testemunho.

É Jofre Rocha também que organiza o *Diário de um exílio sem regresso*, de autoria de Deolinda Rodrigues e que traz ao leitor o cotidiano de uma jovem que deixa a família e amigos para dedicar-se à luta de libertação e é assassinada. Composto do diário propriamente dito e boa documentação iconográfica e de outra ordem, o livro atinge, em alguns momentos, alta poeticidade e não raro envolve o leitor que, cúmplice com “Langidila”, acompanha a sua luta cotidiana, inclusive contra si própria, no objetivo de tornar-se uma militante exemplar:

27 de Janeiro - Quando já estou arrasca cá volto. Hoje trouxeram-me de volta os exemplares do vocabulário fiote-português porque estão com a linguagem dos padres e por aí fora. (...) Mas preciso de corrigir os erros, levantar a cabeça e continuar a marchar, pelo menos fazer o melhor para a Revolução. O que eu não for capaz de fazer, melhor deixar e não meter-me em cavalarias altas. Mamã, ajuda-me a não ficar amuada; a compreender os meus erros e corrigir-me (RODRIGUES, 2003, p. 91-2).

Segundo entendemos, esse volume é exemplar do que afirmávamos quanto à vertente do “memorialismo” na literatura angolana contemporânea: *Diário de um exílio sem regresso* recupera a trajetória de uma jovem que é uma das heroínas nacionais e ao fazê-lo coloca na cena das letras do país não apenas a autora de “Um 4 de fevereiro”, mas toda uma geração cuja memória representa a própria história angolana.

Do jornal ao livro

No que concerne à apreensão do passado nas malhas do presente com o intuito de urdir um futuro, pode-se verificar, também, uma tendência na literatura recente de Angola de publicação de coletânea de crônicas que, inicialmente, foram publicadas em jornais, especialmente no *Jornal de Angola*.

Como se sabe, a crônica é o gênero por excelência da cidade, já que seu meio de veiculação primeiro é o jornal diário, como nos faz questão de lembrar o angolano Dario de Melo:

Mas não nos esqueçamos – a crônica é um produto essencialmente urbano. De quem sabe escrever, para quem gosta de ler, pelo que deveremos considerar o leitor a quem ela se dirige – o cidadão da classe média e alta. Em resumo de palavras antigas: a burguesia expendendo dinheiro, novo riquismo e ignorância, ou a pequena burguesia, quase sempre com algum (ou muito) apetite intelectual (MELO, 2003, p. 21).

Não sendo uma transcrição da realidade, a crônica a ela se vincula na medida em que se baseia em fatos do cotidiano que são recriados pela capacidade lírica e ficcional do autor. De maneira geral, pode-se dizer que o autor-cronista coloca-se como observador da sociedade que narra.

Não se deve deixar à margem, também, que a crônica, dado o seu caráter efêmero constitui-se como o único gênero literário contemporâneo produzido essencialmente para ser vinculado na imprensa (seja escrita – preferencialmente –, seja falada). Nesse sentido, ela não raro aparece entre notícias rápidas, caracterizando-se por estar perto do dia-a-dia, seja nos temas, seja na linguagem despojada e coloquial do jornalismo.

Talvez por isso, buscando resistir ao caráter descartável do jornalismo, vários cronistas selecionam os textos que lhes parecem menos perecíveis para editá-los sob a forma de livro. Essa tem sido uma tendência bastante forte da literatura angolana contemporânea e como veremos, atinge uma gama variada de autores os quais, segundo entendemos, buscam na publicação de seus textos veiculados inicialmente na imprensa uma forma de preservar a memória e revisitar momentos importantes do passado recente do país. São vários os exemplos (aos quais, a cada dia, somam-se novos títulos) e assim citaremos apenas alguns livros que nos parecem paradigmáticos dessa tendência da literatura angolana contemporânea.

Vale referir inicialmente *Da minha banda* (1998), de Roberto de Carvalho, na medida em que este é o primeiro volume da coleção “Textos no contexto” da editora Kilombelombe, a qual escolheu os 41 textos – a maioria publicados no *Jornal de Angola* entre os anos de 1992 e 1997 (os anos difíceis do recrudescimento da guerra) – para iniciar uma coleção que tem os seus títulos selecionados a partir da relação Memória e História.

Figuras & “mujumbisses”, de Ricardo Manuel, congrega textos publicados entre os anos de 1980 e 1995 no mesmo *Jornal de Angola* e no *Correio da semana* e apresenta flashes do cotidiano luanense, flagrando os meninos de rua e sua luta pela sobrevivência ou as ruas da cidade-capital em suas história e estórias.

Não se pode também esquecer o volume *Cala-te Carlos*, de autoria de Carlos Alberto Mac-Mahon de Vitória Pereira, médico, que reuniu quarenta e seis crônicas publicadas nos anos 1990 no *Jornal de Angola*. Com 106 páginas, o livro apresenta fatos cotidianos sobretudo de Luanda, bastante ligados às eleições de 1992 e à situação da saúde no país em razão da experiência parlamentar do autor.

O volume *Crônicas apressadas*, de autoria de Gabriela Antunes, publicado em 2002, reúne 29 crônicas escritas em 1998 e lidas semanalmente no programa *Domingo final* da Rádio Luanda Antena Comercial (LAC). A qualidade de escrita da autora ultrapassa o absolutamente efêmero da crônica

radiofônica, apresentando textos curtos que fogem, entretanto, do superficial. Indo da política ao lançamento de livros, criticando dirigentes ou atentos à formação dos jovens – a quem o programa era dedicado – as crônicas recuperam momentos importantes da história de Angola, ao mesmo tempo em que o seu caráter formativo aponta para o futuro.

Crônicas ao sol e à chuva, de Arnaldo Santos (2002), congrega crônicas e outros tipos de textos veiculados em vários jornais e revistas. Com a elegância do estilo que identifica o autor, o volume apresenta comentários e reflexões sobre a situação de Angola e a sua cultura, sobretudo a partir de 1992, além de textos memorialísticos e de ficção.

O volume de autoria de Conceição Cristóvão, intitulado *Pela porta da palavra: Crônicas, Mukandas e Re (in) flexões*, assim como o de Gabriela Antunes, reúne textos veiculados pelo autor no período de três anos em que colaborou com a Rádio LAC – Luanda Antena Comercial. Dividido em três partes (“CRÔNICAS – ... ou pequenas histórias elípticas; EPÍSTOLA – Monólogos: outra forma de dizer silêncios e RE(IN)FLEXÕES – Comentários e outros textos de reflexão”), o livro apresenta assuntos variados; e, em vários dos textos, o poeta e/ou o deputado se fazem presentes, como em “Entre ‘língua’ e ‘expressão’”, por exemplo, em que o escritor, preocupado com os estudos sobre a literatura angolana se manifesta:

No pretérito dia 20 de junho do corrente ano, a partir de Lisboa, escrevia eu uma crônica com o mesmo título da presente: “Entre Língua e Expressão”, onde abordava de forma bastante sumária o sempiterno problema do valor simbólico, e não só, dos conceitos, mais concretamente, abordava a subtileza que encerra a asserção “Literaturas africanas de expressão portuguesa”, asserção essa que é utilizada na “maior das calmas” por muito boa gente, sem se aperceber da carga sócio-histórica e cultural negativa que ela encerra. (...) (CRISTOVÃO, 2003, p. 223).

Por último, vale recordar também o livro *Maninha*, de Manuel Rui, lançado em 2002, e que congrega crônicas escritas para o *Jornal de Angola* entre os anos de 1996 a 1999. Usando do artifício de escrever seus textos como se fossem cartas redigidas por uma jovem quitandeira a suas primas moradoras em Portugal, o autor comenta a situação angolana, os descabros da administração, os descaminhos da guerra no país, e até mesmo as mudanças que as quitadeiras sofreram, pois a dada altura Maninha define a si própria como “agente econômico pequeno”, utilizando o vocabulário de uma economia de mercado que avança em Angola.

Realizadas com um humor cáustico – uma das marcas da escrita de Manuel Rui – e crítica social, *Maninha* inscreve-se no mesmo movimento de registrar o passado como um documento para o futuro.

As tendências da literatura para o próximo período, segundo entendemos, ainda não estão seguramente desenhadas. O momento ainda é de incerteza devido às perspectivas que se apresentam em razão do muito recente cessar fogo definitivo no país. Provavelmente o tecido social se recomponha e a normalidade volte à sociedade angolana propiciando que se busque com maior tenacidade o fim das desigualdades sociais. Esse panorama, sem dúvida trará novos temas e personagens à literatura e, provavelmente, o “senso de missão” com que têm se apresentado os textos na sua maioria, seja paulatinamente substituído por uma maior gratuidade. Ou então, pode ser que essa – a intervenção social – seja uma marca definidora da literatura angolana. Somente o tempo nos dirá.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Fernando Costa. *Adobes de memória*. Luanda: Chá Caxinde, 2002.
- ANDRADE, Inácio Rebelo. *Saudades do Huambo* (Para uma evocação do poeta Ernesto Lara Filho e da “Coleção Bailundo”). 2ª ed. Évora: NUM, 1999.
- ANSART, Pierre. “História e memória dos ressentimentos”. In: BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia (org.). *Memórias e (res)sentimentos: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. p. 15-36.
- ANTUNES, Gabriela. *Crônicas apressadas*. Luanda: INICI, 2003.
- CARVALHO, Ruy Duarte. *Actas da Maianga ... dizer das guerras, em Angola...* Lisboa: Cotovia, 2003.
- CRISTOVÃO, Conceição. *Pela porta da palavra: crônicas, mukandas & re (in) flexões*. Luanda: Chá de Caxinde, 2003.
- DÁSKALOS, Sócrates. *Um testemunho para a história de Angola: do Huambo ao Huambo*. Lisboa: Vega, 2000.
- GONÇALVES, A. *Cenas que o musseque conhece*. Havana: José Martí, 2002.
- MAC-MAHON, Carlos Alberto. *Cala-te, Carlos*. Luanda: Ed. do autor, 2003.
- MANUEL, Ricardo. *Figuras & “mujimbisses”: crônicas de uma cidade...* Luanda: Kilombelombe, 1998.
- ROCHA, Jofre. *Meu nome é Moisés Mulambo*. Luanda: Chá de Caxinde, 2003
- RODRIGUES, Deolinda. *Diário de um exílio sem regresso*. Luanda: Nzila, 2003.
- RUI, Manuel. *Maninha*. Crônicas. Luanda: Nzila, 2002

SANTOS, Arnaldo. *Crônicas ao sol e à chuva*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2002.

SEIXAS, Jacy. “Halbwachs e a memória-reconstrução do passado: memória coletiva e história”. *História*, São Paulo, Fundação Editora da UNESP, 2001, v. 20, p. 93-108.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. “Violência, encarceramento, (in)justiça: memórias de histórias reais das prisões paulistas”. *Revista de Letras*. São Paulo: UNESP, v. 43, nº 2, jul.-dez. 2003, p. 29-48.

Recebido em 22 de setembro de 2010

Aprovado em 12 de outubro de 2010